

Estudo sobre a performance percussiva da Ciranda de Manacapuru

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: PERFORMANCE

Ygor Saunier Mafra Carneiro Monteiro
Universidade Estadual Paulista – ygorsaunier@yahoo.com.br

Carlos Stasi
Universidade Estadual Paulista – recostasi@yahoo.com

Karine Aguiar de Sousa Saunier
Universidade Estadual de Campinas – karineassaunier@gmail.com

Resumo: As cirandas figuram entre as mais populares manifestações musicais presentes na região amazônica. Embora se tenha um considerável volume de estudos folclóricos e sócio-antropológicos realizados acerca desta manifestação, o estudo da performance percussiva por ora, segue negligenciado. Nesta reflexão, apresentamos um estudo sobre a performance dos instrumentos de percussão da Ciranda de Manacapuru, norteada em termos metodológicos pelo que Anthony Seeger (2008) propõe enquanto etnografia da música.

Palavras-chave: Ciranda de Manacapuru. Percussão. Bateria. Performance.

A study about the percussive performance of Ciranda de Manacapuru

Abstract: The cirandas are among the most popular musical manifestations in the Amazon region. Although there is a considerable volume of folkloristic and socio-anthropological studies carried out on this manifestation, the study of percussive performance for the time remains neglected. In this reflection, we present a study on the performance of the percussion instruments of Ciranda de Manacapuru, guided in methodological terms by what Anthony Seeger (2008) proposes as ethnography of music.

Keywords: Ciranda de Manacapuru. Percussion. Drums. Performance.

Introdução

A Ciranda é uma dança de origem europeia. Estima-se que tenha chegado ao Amazonas no final do século XIX, pelo município de Tefé. Sua inserção na cultura amazonense também é atribuída aos migrantes nordestinos, atraídos pela indústria do látex no Amazonas, entre a segunda metade do século XIX e a primeira década do século XX. No interior do Amazonas, esta tradição criou raízes, inicialmente na cidade de Tefé, onde se proliferou nas escolas da rede pública de ensino. (NOGUEIRA, 2008, p. 120).

É um tipo de manifestação musical incidente em grande parte das cidades amazônicas e pertence aos ciclos de festividades juninas. Compreendida como uma dança dramática (ao estilo cordão de pássaros amazônicos), sua performance musical classifica-se como apresentacional (Turino, 2008), uma vez que prescinde da existência de público e

plateia, requerendo de seus participantes ensaio e preparo intensivo, posto que tem estruturas organizadas, pouca repetição e poucos espaços para a demonstração de habilidades especiais por parte de seus músicos. Seu objetivo tem sido o entretenimento com finalidades mercadológicas.

É sabido que, no Estado do Amazonas, a Ciranda possui forte incidência em municípios como Tefé, Nova Olinda do Norte, Manaus e Manacapuru¹. Nesta última localidade, o *musicar*² da Ciranda se tornou referência ao longo das últimas duas décadas, dando origem ao “Festival de Cirandas de Manacapuru”, que durante o mês de agosto, atrai milhares de pessoas para a cidade, para assistir as competições entre as três agremiações fixas: Guerreiros Mura, Flor Matizada e Ciranda Tradicional. Esta forma espetacularizada de apresentação da Ciranda provocou significativas transformações na sua performance musical e em sua dança.

Embora seja muito diversificada a rítmica musical em culturas amazônicas (especialmente aquelas de origem afro-indígena como o Gambá de Maués, o Boi de Parintins e o Carimbó), de maneira geral, ainda se carece bastante de estudos acerca deste tema. Nossa experiência etnográfica com a Ciranda de Manacapuru ocorreu no final do ano de 2014, dando origem a um capítulo do livro “Tambores da Amazônia: Ritmos musicais do Norte do Brasil” (BASA, 2015).

Nortearam o percurso metodológico deste estudo, as reflexões de Anthony Seeger acerca do registro de performances musicais por meio da realização da etnografia da música. Nesta perspectiva metodológica, se realiza o registro escrito dos sons (seja por meio de sistema de notação musical ocidental ou da produção de uma narrativa textual) “por meio de uma abordagem descritiva da música”, observando ainda “como os sons são concebidos, criados, apreciados e como influenciam outros processos musicais e sociais, indivíduos e grupos”. Em resumo, “a etnografia da música é a escrita sobre as maneiras que as pessoas fazem música”, e “deve estar ligada à transcrição analítica dos eventos, mais do que simplesmente à transcrição dos sons”, devendo incluir “tanto descrições detalhadas quanto declarações gerais sobre a música, baseada em uma experiência pessoal ou em um trabalho de campo. As etnografias são, às vezes, somente descritivas e não interpretam nem comparam, porém nem todas são assim”. (SEEGGER, 2008, p. 239)

1. A presença da Ciranda no Amazonas

Mário de Andrade em sua viagem etnográfica pelo Rio Solimões, ao se deparar com uma dança de ciranda com os textos e melodias similares àquelas praticadas em todo o

Brasil, e com um bailado que já sofria forte influência da cultura local, viria a classificar tal dança como “Ciranda Amazônica”. A Ciranda de Manacapuru, por ser uma variação das cirandas nordestinas e europeias, também pode ser denominada sob esta alcunha andradiana.

De acordo com Wilson Nogueira (2008) a Ciranda é uma dança de roda praieira, com uma temática poética bastante variada, inspirada nas quadrilhas de rodas européias, tendo sido representada inicialmente por esposas de pescadores nordestinos que esperavam cantando e dançando, a volta de seus maridos do mar. A brincadeira foi introduzida no Amazonas no final do século XIX, na cidade de Tefé, por um pernambucano de afro-descendente chamado Antonio Felício e por um professor chamado Isidoro Gonçalves. Anos mais tarde, o filho de Isidoro Gonçalves, o também professor Jose Silvestre, levou a Ciranda de Tefé para a cidade de Manaus, onde criou a Ciranda do Colégio Estadual Sólon de Lucena. A dança se apresentou pela primeira vez na capital amazonense no ano de 1966, no Festival Folclórico da Bola da SUFRAMA.

Já no município de Manacapuru, a cultura da Ciranda se iniciou na década de 1980, quando a professora Perpétuo do Socorro de Oliveira, montou pela primeira vez a Ciranda do Colégio Nossa Senhora de Nazaré, sob orientação de José Silvestre. Devido ao grande sucesso das apresentações, a dança foi introduzida na Escola Estadual José Seffair, pela professora Terezinha Fernandes. No ano de 1987, houve a primeira disputa entre duas cirandas na cidade (Ciranda do Nazaré *versus* Ciranda do Seffair), configurando-se como uma espécie de embrião do prestigioso Festival de Cirandas de Manacapuru. Estas primeiras disputas entre as cirandas nascidas no ambiente das escolas públicas, começaram a acontecer no mês de julho, em um lugar chamado Campo do Riachuelo, onde está localizada atualmente a Praça de Alimentação. No ano de 1994, uma terceira ciranda criada na Escola Estadual José Mota, “entrou na roda” (ou na briga, como se diz na própria cidade), para competir com as outras duas referidas cirandas pelo título de melhor apresentação no Festival Folclórico de Manacapuru³.

A Ciranda de Manacapuru, assim como as demais cirandas executadas nos outros municípios do Amazonas, se desenvolve a partir de um enredo, o que a configura enquanto uma espécie de dança dramática. Sua encenação, conforme Wilson Nogueira (2008) é dividida em oito atos: 1) Entrada do cordão; 2) Mãe Benta; 3) Puxa Roda; 4) Cupido; 5) Constância; 6) Carão; 7) Viola encantada e 8) Saída do Cordão. Nogueira (2008) ainda sinaliza que a partir de 1937 até 1942 foram acrescentados mais cinco personagens e suas coreografias: Seo Manelino (ou Seo Manelinho), Galo Bonito, Seo Honorato, Ronda e Despedida. Além de ainda manter esses personagens que funcionam como uma espécie de

“coluna vertebral” do enredo, a Ciranda de Manacapuru traz também consigo os chamados “itens”⁴, que ora se configuram enquanto personagens que encenam momentos da dança; cantadores e conjunto musical; carros alegóricos; fantasias; cirandeiras (dançarinas dotadas de extrema beleza física) etc.

2. A performance percussiva da Ciranda de Manacapuru

Tanto a performance musical quanto a dança na Ciranda de Manacapuru possuem características bastante singulares. A Ciranda de Manacapuru difere das cirandas executadas em outras cidades do Amazonas não somente por seu formato espetacularizado, com a presença de carros alegóricos, fantasias bem elaboradas e ainda, com a adoção de novas configurações espaciais na execução das coreografias; mas em especial, na sua dimensão musical. Em pouco mais de três décadas, desde sua chegada ao município de Manacapuru, a música da Ciranda sofreu expressivas transformações: no que diz respeito à sua rítmica, seu andamento se tornou mais acelerado (em torno de 130 bpm); suas estruturas melódicas e harmônicas se tornaram mais elaboradas devido à influência da *World Music*; e a instrumentação, que anteriormente consistia apenas em instrumentos de percussão, voz, cavaquinho e violão, agregou a guitarra, o baixo elétrico, os teclados e sintetizadores e, o instrumento bateria.

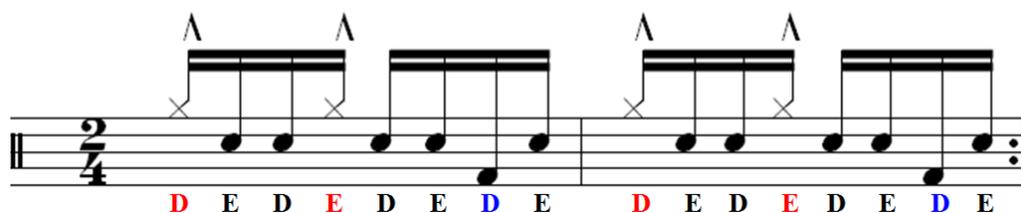
Uma vez que nosso foco é o estudo da performance dos instrumentos de percussão deste musicar, trazemos a seguir, algumas transcrições realizadas a partir da performance percussiva de um dos três principais grupos que competem anualmente no Festival de Ciranda de Manacapuru, a “Ciranda Guerreiros Mura”. Os instrumentos de percussão presentes, de maneira geral, nos grupos de Ciranda de Manacapuru são: o atabaque, as congas, o pandeiro, o surdo de marcação, o ganzá e a bateria. Nesta manifestação musical, o instrumento de percussão que caracteriza o ritmo, sendo também o de presença mais antiga, é o atabaque. Este instrumento, que sempre esteve presente nas rodas de ensaio da Ciranda de Manacapuru desde o final da década de 1980, é o mesmo tipo de atabaque utilizado em rodas de samba. Na Ciranda de Manacapuru são utilizados atualmente atabaques mais compridos ou mesmo o “timbal”, também presente na música baiana conhecida como “Timbalada”. A técnica utilizada para se tocar o atabaque na Ciranda de Manacapuru, é a mesma técnica que se utiliza para se tocar os Djambês.

Logo nos primeiros anos da prática da Ciranda em Manacapuru, os percussionistas costumavam tocar o atabaque sentados, posicionando o instrumento no meio das pernas, conforme a imagem a seguir:



Figura 1. Atabaqueiro da Ciranda Guerreiros Mura de Manacapuru.
 Fonte: Arquivo da Ciranda Guerreiros Mura

Com o passar dos anos desenvolveu-se uma espécie de estante, onde o instrumento é posicionado horizontalmente, possibilitando que o “atabaqueiro” (como se chama o tocador de atabaque nesta manifestação) possa tocar de pé. Neste instrumento, existem vários níveis de graves que vão desde uma região bastante próxima à borda, até o centro do tambor. Na partitura essa nota grave será expressa no primeiro espaço. As notas fantasmas serão expressas no terceiro espaço do pentagrama. O *slap* (som agudo ou stalado) deve ser executado como espécie de chicoteada com os dedos entreabertos, conforme se pode observar na transcrição abaixo:



Transcrição 1. Célula rítmica do atabaque.

As congas foram um instrumento de percussão agregados posteriormente pelos produtores musicais da Ciranda de Manacapuru na década de 1990, já em seu formato espetacularizado. Foram introduzidas para dar suporte às células rítmicas executadas no atabaque, com o intuito de preencher as levadas e dar mais *swing* (musicalidade para fazer dançar) ao ritmo. Sua célula rítmica padrão consiste em:



Transcrição 2. Célula rítmica das congas.

De todos os instrumentos de percussão da Ciranda de Manacapuru, o surdo é o mais simples de ser executado. É o instrumento que executa os dois tempos fortes no segundo compasso, uma característica bastante típica desse ritmo. Na transcrição a seguir, recomendamos que no primeiro tempo de cada compasso, o percussionista pressione levemente a pele do surdo para abafar as sobras de harmônicos, com o intuito de enfatizar ainda mais as duas colcheias do segundo tempo.



Transcrição 3. Transcrição da célula rítmica do Surdo.

Para a execução da célula do pandeiro, recomendamos práticas de estudo diárias, uma vez que sua levada, além de ter um andamento bastante acelerado, foge um tanto ao convencional do que se costuma estudar para executar no pandeiro de samba.

Nota técnica:

1. Uma das mãos segura na madeira/corpo do instrumento, mais precisamente entre as platinelas.
2. Deve-se percutir com o dedo polegar na borda do instrumento para extrair as notas mais graves. Será expressa com um “**G**” na nota correspondente na partitura.
3. Para extrair o som das platinelas, toca-se com a parte de trás (próximo ao início do pulso), será expressa com um “**P**” na nota correspondente na partitura, e com os dedos (entre o anelar e o médio), que será expresso com um “**D**” na nota correspondente na partitura. Lembrando que ambos na parte mais perto da borda do pandeiro.
4. Para executar a nota mais aguda ou seca/estalada, executa-se com a palma da mão aberta no centro da pele, uma espécie de “tapa”. Será expressa com um “**T**” na nota correspondente na partitura.

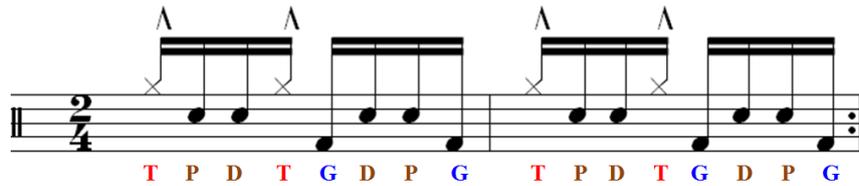
Recapitulando cada nota e sua correspondente em letra:

G = **G**rave tocado com o polegar;

P = início do **P**ulso (parte de trás da mão);

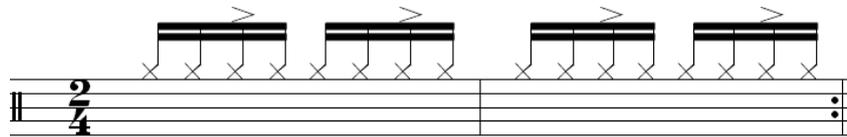
D = Dedos (entre o anelar e o médio)

T = Tapa (nota aguda ou seca/estalada)



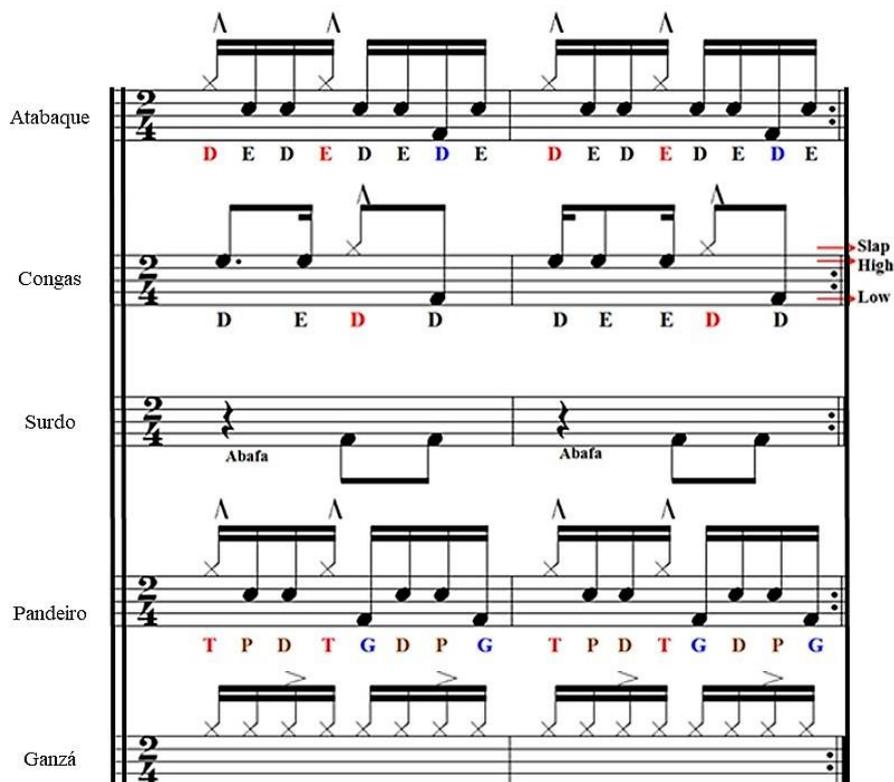
Transcrição 4. Célula rítmica do Pandeiro.

Os ganzás são instrumentos que, embora não figurem entre no naipe de percussão em dias de apresentações oficiais no Festival de Ciranda de Manacapuru, são bastante utilizados nos registros fonográficos desta manifestação musical. A célula executada por este instrumento consiste na mesma encontrada na rítmica de outras manifestações musicais amazônicas, como o Carimbó e o Boi-bumbá de Parintins, por exemplo.



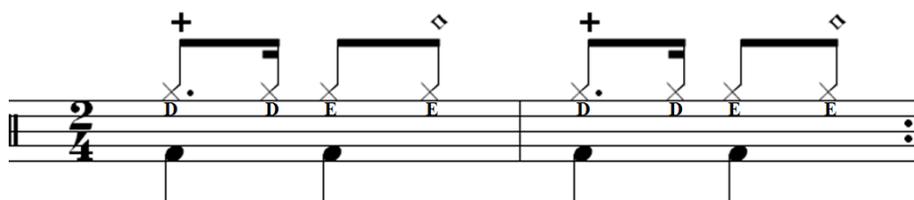
Transcrição 5. Célula rítmica do Ganzá

Para uma leitura uma leitura vertical de todos os instrumentos de percussão, propusemos a seguir, uma grade rítmica da Ciranda de Manacapuru:



Transcrição 6. Grade rítmica da Ciranda de Manacapuru.

Por fim, trazemos a levada do instrumento bateria, cuja função na Ciranda de Manacapuru é de apoio e manutenção da precisão rítmica. É o baterista quem coordena os andamentos das canções executadas. O bumbo da bateria funciona como referência para os demais instrumentos. Exerce papel fundamental nas preparações, viradas ou “fills”, bem como, nos momentos onde se deseja extrair uma sonoridade que remeta à ancestralidade ameríndia através de levadas semelhantes aos *jungle grooves*⁵.



Transcrição 6. Levada para bateria.

Considerações finais

A breve reflexão acerca da performance percussiva da Ciranda de Manacapuru aqui apresentada, é resultado preliminar de nossa dissertação de mestrado, que objetiva o estudo da rítmica de três manifestações musicais da Amazônia brasileira. Em nossas pesquisas também já está em curso um estudo sobre as transformações que o ritmo da Ciranda de Manacapuru vem sofrendo desde os primórdios de sua espetacularização.

Uma vez que nossos estudos estão direcionados apenas para a dimensão rítmica deste musicar, sugerimos aos demais pesquisadores em Música a realização de estudos que contemplem os enredos, cantigas da ciranda com suas melodias e danças, afinal, dançar e representar (atuar, performar) também é musicar. Finalmente, reconhecemos a importantíssima contribuição de estudos folclóricos e sócio-antropológicos já realizados anteriormente acerca das Cirandas amazônicas. Reflexões estas que, em muito têm contribuído para a compreensão da performance percussiva neste musicar.

Referências

- MONTEIRO, Ygor S. M. C. “Tambores da Amazônia: Ritmos musicais do Norte do Brasil”. Manaus: Banco da Amazônia S/A, 2015.
- NOGUEIRA, Wilson. Festas amazônicas: Boi-bumbá, Ciranda e Sairé. Manaus: Valer, 2008.
- REILY, Suzel. TONI, Flavia Camargo. HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. *O Musicar Local* – novas trilhas para a etnomusicologia. Projeto temático FAPESP. São Paulo: 2016.
- SEEGER, Anthony. Etnografia da música. *Cadernos de pesquisa*, 17: 237-59, 2008.

SMALL, Christopher. *Musicking: the meanings of performance and listening*. Middletown, Ct: Wesleyan University Press, 1998.

TURINO, Thomas. Presentational and Participatory performance. *Music as Social Life: The Politics of Participation*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

Notas

¹ Também conhecida como “Princesinha do Solimões” a cidade de Manacapuru está situada à margem esquerda do rio Solimões a 157 km da capital Manaus (por vias fluviais), o acesso também pode ser feito por vias terrestres (a 84 km de Manaus) com ônibus disponíveis de duas em duas horas desde o terminal rodoviário da capital. Sua população está estimada em 86.985 (oitenta e seis mil, novecentos e oitenta e cinco) habitantes, segundo CENSO-IBGE, 2012. Manacapuru segundo os historiadores da região, é uma palavra de origem indígena, em Tupi quer dizer “Flor” e Paru, do mesmo tronco lingüístico que dizer “Enfeitado” ou “Matizado”, logo Manacapuru quer dizer “Flor Matizada”.

² [...] voltamo-nos ao universo mais amplo de práticas musicais, ou do “musicar”, termo adotado como tradução do campo semântico da palavra “musicking”, cunhada por Christopher Small (1989). Para Small, musicking – ou o musicar – engloba qualquer forma de engajamento com música. Assim, a performance musical é uma forma de musicar, mas musica-se também ao ouvir música, ao falar sobre música, ao fazer o download de uma música ou mesmo ao participar da organização de um show musical, ou no engajamento com tarefas associadas ao comércio musical. (REILY TONI & HIKIJI, 2016, p. 3-4)

³ As informações deste parágrafo foram obtidas por meio de material documental em formato de folder de divulgação da cidade de Manacapuru, cujo autor não foi citado. Foi cedido a nós pela Secretaria de Turismo de Manacapuru em 30/10/2014.

⁴ Estes itens foram descritos de maneira mais aprofundada por Wilson Nogueira no livro *Festas amazônicas: Boi-bumbá, Ciranda e Sairé*. (Valer, 2008).

⁵ Termo bastante utilizado por músicos norte-americanos para denominar levadas de caráter mais “tribal”.